

RECKLESS

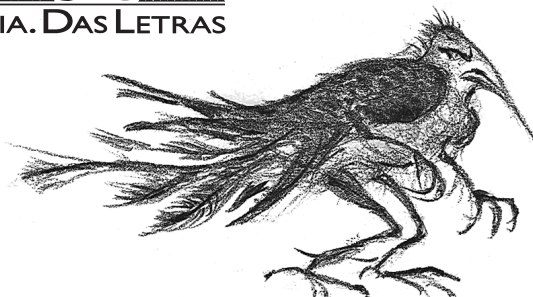
A MALDIÇÃO DA PEDRA

CORNELIA FUNKE

*História encontrada e narrada por
Cornelia Funke e Lionel Wigram*

Com ilustrações da autora

*Tradução
Sonali Bertuol*



Copyright © 2010 by Cornelia Funke e Lionel Wigram

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Reckless — Steinernes Fleisch

Capa

Flávia Castanheira

Revisão

Jane Pessoa

Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Funke, Cornelia

Reckless — A maldição da pedra / História encontrada e narrada por Cornelia Funke e Lionel Wigram ; com ilustrações da autora ; tradução Sonali Bertuol. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Reckless — Steinernes Fleisch.
ISBN 978-85-359-1981-3

1. Ficção - Literatura juvenil I. Wigram, Lionel II. Título.

11-10255

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

1. Era uma vez, 9
2. Doze anos depois, 13
3. Goyls, 17
4. Do outro lado, 23
5. Schwanstein, 25
6. Um tolo apaixonado, 31
7. A casa da bruxa, 36
8. Clara, 43
9. O Alfaiate, 45
10. Pelo e pele, 50
11. Hentzau, 55
12. Os semelhantes, 58
13. A utilidade das filhas, 63
14. O castelo dos espinhos, 67
15. Carne macia, 72
16. Nunca, 76
17. Um guia até as fadas, 78
18. Vozes da pedra, 82
19. Valiant, 85
20. Demais, 91
21. Protetor do irmão, 94
22. Sonhos, 97
23. Na armadilha, 101
24. Os caçadores, 105
25. A isca, 107
26. A Fada Vermelha, 113
27. Tão longe, 119
28. Apenas uma rosa, 121
29. No coração, 124

- 30. Uma mortalha de corpos vermelhos, 128
 - 31. Vidro escuro, 133
 - 32. O rio, 136
 - 33. Tanto sono, 143
 - 34. Água de cotovias, 145
 - 35. No seio da terra, 152
 - 36. O nome errado, 159
- 37. As janelas da Fada Escura, 162
 - 38. Achado e perdido, 166
 - 39. Acordado, 171
- 40. A força dos anões, 174
 - 41. Asas, 180
- 42. Dois caminhos, 184
- 43. Cão e lobo, 188
- 44. A imperatriz, 197
- 45. Velhos tempos, 201
- 46. A irmã escura, 205
- 47. Os gabinetes de curiosidades da imperatriz, 211
 - 48. Planos para o casamento, 216
 - 49. Um deles, 219
 - 50. A bela e a fera, 222
 - 51. Traga-o até mim, 229
- 52. E viveram felizes para sempre, 236



1

Era uma vez

A noite respirava no apartamento como um animal escuro. O tique-taque de um relógio; o ranger das tábuas do assoalho quando ele se esgueirou para fora do quarto — tudo se afogava em seu silêncio. Mas Jacob amava a noite. Ele sentia a escuridão na pele, como uma promessa. Como um manto tecido por liberdade e perigo.

Lá fora as luzes berrantes da cidade faziam as estrelas empalidecerem, e o grande apartamento estava sufocado pela tristeza de sua mãe. Ela não acordou quando ele entrou de mansinho no quarto e abriu a gaveta do criado-mudo. A chave estava ao lado dos comprimidos que a faziam dormir. Quando ele voltou para o corredor escuro, o metal amoldava-se frio à sua mão.

No quarto do irmão, como sempre, a luz ainda estava acesa — Will tinha medo do escuro —, e Jacob certificou-se de que ele dormia profundamente antes de abrir o escritório do pai. Sua mãe não entrara mais ali desde que ele desaparece-



ra, mas não era a primeira vez que Jacob o visitava às escondidas, em busca das respostas que ela não queria lhe dar.

O escritório ainda estava como se fizesse uma hora, e não mais de um ano, que John Reckless havia se sentado na escrivaninha pela última vez. Na cadeira, continuava pendurado o casaco de tricô que ele costumava usar, e um saquinho de chá usado ressecava num pires ao lado do calendário, que mostrava as semanas de um ano já passado.

Volte!, Jacob escreveu com o dedo nas janelas embaçadas, na escrivaninha coberta de poeira e nas portas de vidro do armário no qual ainda repousavam as pistolas antigas que o pai colecionava. Mas o quarto continuou silencioso e vazio, e ele estava com onze anos e não tinha pai. Jacob chutou as gavetas que já tantas noites havia vasculhado em vão, arrancou livros e revistas das prateleiras numa fúria muda, derrubou os aeromodelos pendurados em cima da escrivaninha, cheio de vergonha pelo orgulho que sentira quando obtivera permissão para pintar um deles com laca vermelha.

Volte!, ele queria gritar pelas ruas, que sete andares abaixo recortavam trilhas de luz entre os quarteirões, e para as milhares de janelas que estampavam quadrados reluzentes na noite.

A folha de papel caiu de um livro sobre propulsores de avião, e Jacob só a apanhou porque pensou que a letra nela escrita fosse a do pai. Mas rapidamente percebeu seu engano. Símbolos e equações, o desenho de um pavão, um sol, duas luas. Nada daquilo fazia sentido. Exceto por uma frase que encontrou no verso da folha.

O ESPELHO SE ABRE PARA QUEM NÃO VÊ A SI PRÓPRIO.

Jacob se virou, e seu reflexo no espelho retribuiu seu olhar.

O espelho. Ele ainda se lembrava bem do dia em que o pai o pregara na parede. Ficava pendurado entre as estantes de livros, como um olho cintilante. Um abismo de vidro, no qual se espelhava distorcido tudo o que John Reckless deixara: a escrivaninha, as pistolas antigas, os livros — e o filho mais velho.

O vidro era tão ondulado que era difícil se reconhecer nele, e mais escuro que o de outros espelhos, mas as rosas que se enroscavam na moldura de prata pareciam tão autênticas como se fossem murchar no instante seguinte.

O ESPELHO SE ABRE PARA QUEM NÃO VÊ A SI PRÓPRIO.

Jacob fechou os olhos.

Virou de costas para o espelho.

Tateou a moldura em busca de algum trinco ou fechadura.

Nada.

Ele sempre voltava a olhar nos olhos do próprio reflexo.

Demorou um bom tempo até compreender.

Suas mãos quase não eram grandes o suficiente para cobrir a imagem distorcida de seu rosto, mas o vidro se amoldou a seus dedos como se estivesse esperando por eles, e de repente o lugar que ele via atrás de si no espelho não era mais o escritório do pai.

Jacob se virou.

A luz da lua entrava por duas janelas estreitas e iluminava paredes cinzentas, e seus pés descalços pisavam em tábuas de madeira cobertas de cascas de carvalho e ossos roídos de pássaros. O lugar não era muito maior do que o escritório do pai, e acima dele teias de aranha pendiam como véus das vigas de um telhado.

Onde estava? O luar pintou manchas em sua pele quando ele se aproximou de uma das janelas. No peitoril áspero, estavam grudadas penas de pássaro ensanguentadas, e profundamente abaixo ele viu muros queimados e colinas negras nas quais ardiam algumas luzes perdidas. Ele estava numa torre. O mar de edifícios e as ruas iluminadas haviam desaparecido. Tudo o que ele conhecia não estava mais lá, e entre as estrelas pairavam duas luas, das quais a menor era vermelha como uma moeda enferrujada.

Jacob olhou para o espelho e viu o medo em seu próprio rosto. Mas o medo era uma sensação da qual sempre gostara. Ele o atraía para lugares obscuros, através de portas proibidas e para longe de si mesmo. Até mesmo as saudades do pai se afogavam nele.

Não havia porta nas paredes cinzentas, apenas um alçapão no piso. Quando o abriu, Jacob viu os restos de uma escada incendiada que desaparecia na escuridão e, por um instante, pensou ver um homenzinho minúsculo escalando as pedras lá embaixo. Mas um ruído de algo raspando o fez se virar.

Teias de aranha caíram sobre ele, e alguma coisa pulou em sua nuca com um rugido rouco. Soou como um animal, porém o rosto desfigurado que arreganhava os dentes em seu pescoço era pálido e enrugado como o de um velho. Ele era muito menor do que Jacob e esguio como um gafanhoto. Usava uma roupa que parecia feita de teias de aranha e tinha longos cabelos grisalhos que iam até o quadril; quando Jacob segurou o pescoço

magro, os dentes amarelados enterraram-se fundo em sua mão. Com um grito, ele arrancou o agressor do ombro e precipitou-se em direção ao espelho. Enquanto lambia o sangue do menino dos lábios, o homem-aranha se pôs em pé e se lançou ao ataque novamente; antes que pudesse alcançá-lo, porém, Jacob já pressionava a mão que não estava ferida sobre o próprio rosto amedrontado. A figura esquelética desapareceu, assim como as paredes cinzentas, e ele viu a escrivaninha do pai atrás de si.

— Jacob?

A voz do irmão quase sumia em meio às batidas de seu coração. Jacob tomou fôlego e afastou-se do espelho.

— Jake, você está aí?

Ele puxou a manga sobre a mão ferida e abriu a porta.

Os olhos de Will estavam arregalados de medo. Ele tivera um sonho ruim novamente. Irmão mais novo, Will o seguia como um cãozinho, e Jacob o protegia na hora do recreio e no parque. E algumas vezes até mesmo o perdoava pela mãe amá-lo mais.

— A mamãe disse para a gente não entrar no escritório.

— E desde quando eu faço o que a mamãe diz? Se contar para ela, nunca mais levo você ao parque.

Jacob pensou sentir o vidro do espelho como gelo em sua nuca. Will tentou olhar atrás dele, mas baixou a cabeça quando ele fechou a porta. Will era cauteloso onde ele era imprudente, doce onde ele era irritadiço, calmo onde ele era inquieto. Quando Jacob estendeu a mão, notou o sangue nos dedos do irmão e olhou para ele com um ar indagador, mas Jacob ficou calado e arrastou-o de volta para o quarto.

O que o espelho lhe mostrara pertencia a ele. Somente a ele.



2

Doze anos depois

O sol já se punha atrás dos muros da ruína, mas Will ainda dormia, exausto por causa das dores que havia dias o atormentavam.

Um erro, Jacob, depois de tantos anos de cautela. Ele se ergueu e cobriu Will com o sobretudo.

Tantos anos nos quais ele chamara de seu um mundo inteiro. Tantos anos nos quais o estranho mundo se tornara um lar. Fim. Com quinze anos, já dava escapadas de semanas atrás do espelho. Com dezesseis, nem mais contava os meses, e assim mesmo mantivera segredo. Até que uma vez ele se apressara demais. *Pare com isso, Jacob. Não dá mais para voltar atrás.*

Os arranhões no pescoço do irmão haviam cicatrizado bem, mas no antebraço esquerdo a pedra já começava a aparecer. Os veios verde-pálidos desciam até a mão e brilhavam na pele de Will como mármore polido.

Somente um erro.



Jacob encostou-se numa das colunas cobertas de fuligem e olhou para a torre onde ficava o espelho. Ele nunca atravessava sem antes se certificar de que Will e a mãe estivessem dormindo, nunca. Mas, desde a morte dela, havia apenas um quarto vazio a mais do outro lado, e ele mal podia esperar para pressionar novamente as mãos sobre o vidro escuro e partir para longe. Bem longe.

Impaciência, Jacob. É assim que se chama. Uma das suas características mais marcantes.

Ele ainda via o rosto de Will surgir atrás dele no espelho, distorcido pelo vidro escuro. “Aonde você vai, Jacob?”. Um voo noturno para Boston, uma viagem para a Europa, haviam sido muitas as desculpas ao longo dos anos. Jacob era um mentiroso criativo, assim como fora o pai. Dessa vez, porém, sua mão já pressionava o vidro frio — e Will, é claro, o imitara.

Irmão mais novo.

— Ele já está cheirando como eles.

Fux desprendeu-se da sombra que os muros destruídos projetavam. Seu pelo era tão vermelho que parecia pintado pelo outono, e na pata traseira ainda se viam as cicatrizes deixadas pela armadilha. Fazia cinco anos que Jacob a libertara, e desde então a raposa não saíra mais do seu lado. Ela vigiava seu sono, advertia-o de perigos que seus toscos sentidos humanos não percebiam e dava conselhos que era melhor seguir.

Um erro.

Jacob passou pela arcada em cujas dobradiças tortas ainda estavam pendurados os restos carbonizados do portal do palácio. Na escada diante dele, um gnomo catava bolotas de carvalho nos degraus quebrados. Ele escapuliu depressa, quando a sombra de Jacob incidiu sobre ele. Narizes afilados e olhos vermelhos, calças e camisas feitas de roupas humanas roubadas — a ruína fervilhava deles.

— Mande-o de volta! Foi para isso que viemos até aqui, não foi? — Não dava para ignorar a impaciência na voz de Fux.

Jacob balançou a cabeça.

— Eu não devia tê-lo trazido para cá. Do outro lado, não há nada que possa ajudá-lo.

Jacob havia contado a Fux sobre o mundo do qual viera, mas na verdade ela não queria ouvir. O que ela sabia lhe bastava: que era o lugar

onde ele desaparecia com muita frequência e do qual quase sempre voltava com lembranças que o seguiam como sombras durante semanas.

“Ah, é? O que você acha que vai acontecer com ele aqui?” Fux não pronunciou as palavras, mas Jacob sabia o que ela estava pensando. Naquele mundo, os pais matavam os filhos assim que descobriam a pedra em sua pele.

Ele olhou para os telhados vermelhos que se dissolviam no crepúsculo ao pé da colina do palácio. As primeiras luzes se acendiam em Schwanstein, a cidade da Pedra do Cisne. De longe, ela parecia uma gravura antiga, como as que eram estampadas em latas de biscoitos, mas já fazia alguns anos que os trilhos da ferrovia atravessavam as colinas atrás dela e as chaminés das fábricas lançavam sua fumaça cinzenta no céu avermelhado. O mundo atrás do espelho queria crescer. Mas a carne de pedra que crescia em seu irmão não fora semeada por teares mecânicos, ferrovias ou outras invenções modernas, mas pela antiga magia que habitava suas colinas e florestas.

Um corvo-dourado pousou ao lado de Will. Jacob o espantou dali antes que ele grasnasse uma de suas tenebrosas maldições em cima de seu irmão.

Will gemeu no sono. A pele humana não cedia lugar à pedra sem relutância, e Jacob sentia a dor como se fosse sua. Era somente por amor ao irmão que ele sempre voltava ao outro mundo, embora suas visitas ficassem mais raras a cada ano. A mãe chorava e ameaçava mandá-lo para o orfanato, sem fazer ideia de onde ele se escondia, mas Will punha o braço em volta de seu pescoço e perguntava o que ele lhe trouxera. Sapatinhos de gnomos, o gorro de um polegar, um botão de vidro élfico, um pedaço da pele escamosa de um tritão — Will escondia os presentes debaixo da cama e acreditava sem pestanejar que as histórias que o irmão lhe contava sobre aqueles objetos eram contos de fadas inventados especialmente para ele.

Agora ele sabia que eram todas verdadeiras.

Jacob cobriu o braço deformado com o sobretudo. No céu, as duas luas já haviam nascido.

— Tome conta dele, Fux. — Ele se levantou. — Volto logo.

— Aonde você vai? Jacob! — Com um salto, a raposa se pôs em seu caminho. — Ninguém mais pode ajudá-lo!

— Vamos ver. — Ele a empurrou para o lado. — Não deixe Will subir na torre.

Ela o seguiu com os olhos quando ele desceu a escada. As únicas marcas de botas nos degraus cobertos de musgo eram as dele. Nenhum humano subia até ali. A ruína era tida como amaldiçoada, e Jacob já ouvira dezenas de histórias sobre sua destruição. Mas, mesmo depois de tantos anos, ele ainda não sabia quem deixara o espelho na torre. Assim como jamais descobrira o paradeiro do pai.

Um polegar pulou em seu colarinho. Jacob conseguiu pegá-lo um instante antes de ele arrancar o medalhão de seu pescoço. Em qualquer outro dia, ele teria ido imediatamente atrás do ladrãozinho. Os polegares armazenavam tesouros consideráveis nas árvores ocas em que viviam. Mas ele já havia perdido muito tempo.

Um erro, Jacob.

Ele iria repará-lo. Mas as palavras de Fux o acompanhavam enquanto ele descia a encosta íngreme.

Ninguém mais pode ajudá-lo.

Se ela estivesse certa, logo ele não teria um irmão mais novo. Nem naquele nem no outro mundo.

Um erro.